

# Tragédia grega



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista

A disputa pública por espaço que envolve filho e madrastra configura uma tragédia grega. Desde tempos remotos, a controvérsia não costuma terminar bem. Um dos lados vai sofrer agora ou no futuro. E as consequências, na maioria das vezes, não beneficiam ninguém. É drama sobre drama. Mágoas, rancores e ciúmes só podem ser resolvidos com muitos anos de psicanálise conduzida por profissional qualificado. A questão que desune Michelle e Flávio, ambos bolsonaros, não é política. É pessoal. Quando a política se mistura com questões familiares, os dois lados perdem.

Trata-se de questão pessoal, que não deveria ser objeto de atenção dos jornais. Acontece que a briga incomoda a campanha de Flávio Bolsonaro, ungido pelo pai a candidato, sem qualquer consulta prévia ao partido e às principais lideranças nacionais. Ele é uma espécie de herdeiro do trono. Desde priscas eras, as benesses de herança sempre foram objeto de intensa e violenta briga por aqueles que se sentem excluídos. Michelle é uma arrivista na política brasileira. Apostou no casamento, gerou uma filha e pretende receber os dividendos de seu investimento. Flávio impediu seu ganho. Restou a ela lhe fazer a guerra.

Quem acompanha a campanha do principal opositor ao atual governo entende que a situação eleitoral de Flávio está condenada ao fracasso. Ele

vinha perdendo sustentação devido ao esdrúxulo apoio às sobretaxas impostas por Donald Trump a produtos brasileiros no mercado norte-americano. Taxar produtos estrangeiros é dinheiro em caixa. Ele se apropriou sem qualquer hesitação do petróleo da Venezuela, que os norte-americanos estão consumindo sem nada pagar aos proprietários das reservas. Os venezuelanos estão morrendo de fome e sede depois do terremoto e Donald só se preocupa em contar as notas de dólar que entram no seu cofre.

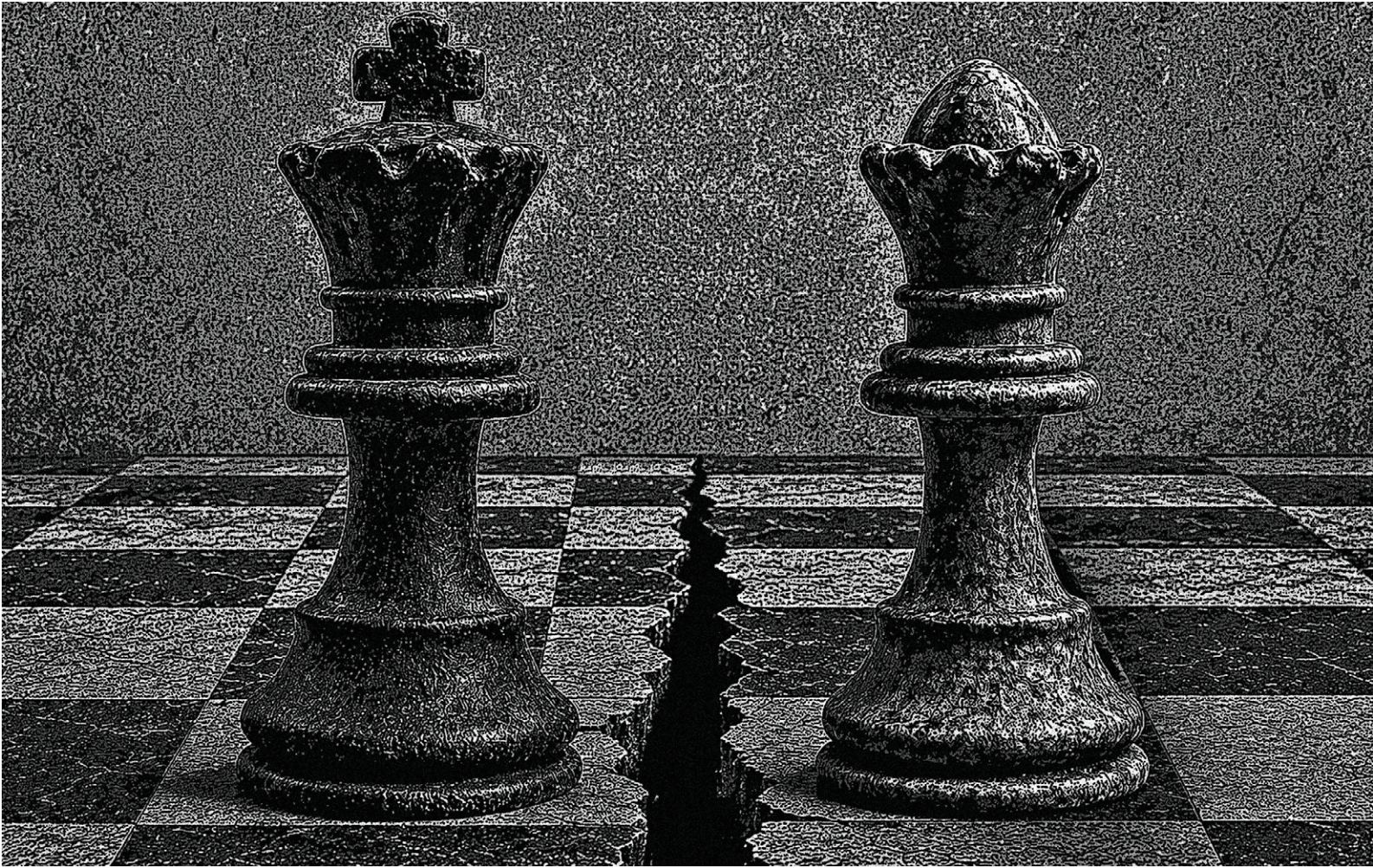
O irmão, nos Estados Unidos, faz uma guerra sem qualquer noção. Atira para todos os lados. É um poço de ressentimentos no seu autoexílio dourado no Texas. Tem recebido o auxílio do neto do ex-presidente Figueiredo. Esse chega ao cúmulo de afirmar que as mulheres não sabem votar, as solteiras de maneira ainda pior. As casadas, um pouco melhor porque tendem a acompanhar o voto dos maridos. Os bolsonaros fazem uma estranha campanha pelo avesso da política. Candidatos lutam para reunir apoios, os filhos do capitão trabalham para afastar eventuais correligionários. Eles não querem votos, mas se satisfazem em xingar, agredir, depreciar e provocar. E perdem sempre, a exemplo de seu pai, preso em casa sem poder se comunicar com ninguém, além da supracitada Michelle.

O resultado dessa estranha campanha política é que o candidato Lula transita sem problemas no seu caminho pela reeleição. Sua maior preocupação, neste momento, é que Flávio Bolsonaro mantenha a campanha no mesmo diapasão, ou seja, cometendo erros sobre erros. Lula precisa de adversários. Sem eles, sua reeleição entra numa zona perigosa. O atual momento lembra outra situação curiosa ocorrida quando da reunião do famoso Colégio Eleitoral, que

elegeu o sucessor do general Figueiredo na Presidência da República. No fim do processo eleitoral, Tancredo Neves sabia que seria eleito com relativa facilidade. O mineiro esperto se preocupou em manter a candidatura de Paulo Maluf. Ele precisava de adversários. Hoje, Lula precisa do confronto mesmo que seja por intermédio de um candidato que vive em outro mundo, no ambiente das rachadinhas, do favorecimento a milicianos no Rio de Janeiro, do estranho faturamento de sua loja de chocolates e do apoio ao governo dos Estados Unidos em sua cruzada contra o Brasil. É a imagem nítida de um anticandidato que trabalha contra seu objetivo.

Até agora, nenhum dos dois candidatos conseguiu montar um palanque em Minas Gerais, o terceiro maior colégio eleitoral do país. Os estudiosos do processo eleitoral brasileiro afirmam que quem vence em Minas ganha no Brasil. Tem sido assim. Aécio Neves, é bom lembrar, perdeu a eleição presidencial quando foi derrotado por Dilma Rousseff em Minas. No entanto, até agora ninguém sabe quem vai apoiar quem no sempre misterioso território das alterosas.

Há quem veja na súbita transformação de Gilberto Kassab em candidato a vice-presidente na chapa de Ronaldo Caiado à Presidência da República um sinal de que o cenário eleitoral vai sofrer profundas transformações. Flávio pode desistir de sua aventura, porque a oposição tem nomes mais qualificados do que o filho de Jair. O nome do senador Rogério Marinho, neto do inesquecível Djalma Marinho, é um deles. Tudo pode mudar porque os erros do atual postulante do PL são muitos, graves e cumulativos. Flávio Bolsonaro é cativo de seu destinozinho medíocre. A renúncia pode ser a melhor solução para sua tragédia familiar e política.



## A inteligência artificial e o futuro que Brasília ajuda a construir



» PAULO OCTÁVIO  
Empresário e CEO do Grupo PaulOctavio

No último dia 16 de junho, tive a honra de participar do 7º Brasília Summit, realizado no Brasília Palace Hotel. O encontro, promovido pelo **Correio Braziliense** em parceria com o Lide Nacional e o Lide Brasília, reuniu representantes dos Três Poderes, empresários, acadêmicos, especialistas em tecnologia e gestores públicos para discutir os impactos da inteligência artificial (IA) na gestão pública e no desenvolvimento econômico.

O Brasília Summit confirmou uma vocação que nossa capital exerce desde sua fundação. A cidade nasceu para ser o lugar onde o Brasil debate seu futuro. Foi concebida para reunir ideias, construir consensos e formular políticas para transformar a vida dos brasileiros. Ao sediar um encontro dedicado à IA, reforçou mais uma vez esse papel estratégico.

Vivemos uma mudança tecnológica comparável às revoluções industriais. A inteligência artificial deixou de ser uma promessa para tornar-se uma ferramenta presente no cotidiano. Quem compreender essa transformação terá condições reais de gerar riqueza, oferecer serviços de qualidade e criar oportunidades para a população.

O presidente do **Correio Braziliense**, Guilherme Machado, lembrou que a IA representa uma profunda mudança cultural, que exige adaptação

permanente das instituições. João Doria, presidente do Lide Nacional, destacou que o Brasil não pode somente assistir a essa revolução e precisa modernizar sua gestão pública para competir em um cenário internacional orientado por inovação, produtividade e conhecimento.

Na abertura do evento, procurei enfatizar justamente esse ponto. A IA não substitui pessoas. Ela potencializa talentos, amplia a capacidade de análise, reduz desperdícios e permite decisões eficientes. Para que seus benefícios sejam plenamente aproveitados, é indispensável a cooperação entre o setor produtivo, os governos, as universidades e os centros de pesquisa.

Essa integração apareceu em praticamente todos os painéis.

A governadora Celina Leão apresentou experiências desenvolvidas para ampliar o uso da tecnologia em áreas como saúde, educação, segurança pública e atendimento ao cidadão. Demonstrou que inovação é uma ferramenta concreta para aproximar o Estado da população.

No Legislativo, o debate ganhou profundidade com a participação do senador Rodrigo Pacheco, relator do projeto que estabelece o marco legal da IA no Brasil. Sua defesa de uma regulamentação equilibrada evidencia um desafio importante: estimular a inovação com segurança jurídica, proteção dos direitos fundamentais e responsabilidade no uso das novas tecnologias.

Parlamentares como Ricardo Barros, Adriana Ventura e Professora Dorinha Seabra Rezende ressaltaram que a IA pode tornar os serviços públicos mais eficientes, desde que seja acompanhada por boa governança, transparência e qualificação dos servidores.

A experiência prática igualmente esteve presente. O prefeito Silvio Barros mostrou como Maringá vem utilizando a inteligência artificial para integrar serviços públicos e simplificar a relação entre governo e cidadãos.

Especialistas como Carlos Jacobino, Clemilton Oliveira Junior, Cristiane Hasegawa e o professor Eduardo Magrani chamaram atenção para aspectos fundamentais da transformação digital: governança de dados, ética, segurança da informação e desenvolvimento de capacidades humanas.

Esse talvez tenha sido o principal ensinamento do Summit. Inteligência artificial, por si só, não resolve problemas. Ela produz resultados quando encontra instituições sólidas, lideranças preparadas e uma cultura voltada para inovação. A tecnologia é um meio. O verdadeiro objetivo continua sendo melhorar a vida das pessoas.

Brasília reúne condições para liderar esse movimento. Aqui estão os centros de decisão do país, universidades, órgãos reguladores, empresas inovadoras e um setor produtivo comprometido. Se conseguirmos aproximar esses atores, construiremos um ambiente favorável ao desenvolvimento de soluções.

Encontros como o Brasília Summit cumprem essa missão. Aproximam diferentes visões, estimulam o diálogo qualificado e ajudam a construir consensos sobre temas que definirão as próximas décadas.

A IA representa uma oportunidade extraordinária. Cabe a nós garantir que seja utilizada para fortalecer nossas instituições, aumentar a competitividade, melhorar serviços públicos e promover um desenvolvimento que combine inovação e inclusão. Brasília mostrou que está pronta para participar dessa construção. E o futuro, como ficou claro ao longo do encontro, já começou.

# Grito pela equidade



» CARLOS ALVES MOURA  
Advogado, militante do movimento negro, primeiro presidente da Fundação Palmares (1988/90; 2000/02)

Nas relações humanas, muitas vezes faltam esforços para superar estereótipos e posturas que submetem homens e mulheres à desvalorização da dignidade humana. Trata-se de um processo desumanizador que impede o crescimento, aniquila identidades e enfraquece a criatividade. Daí surgem dominações baseadas na negação do outro, um dos pilares do racismo: a negação da humanidade. A rejeição motivada pela etnia, pela cor da pele ou pela origem é um fator de exclusão e violência. O Brasil, em sua estrutura social e institucional, revela práticas racistas que discriminam a população negra. Por isso, é preciso gritar: Basta de racismo! Vamos superar o racismo!

Africanos e africanas chegaram ao Brasil escravizados e formaram, por mais de 300 anos, a base da construção da nação brasileira. Entre os séculos 16 e 19, homens, mulheres e crianças sequestrados na África foram trazidos pelo macabro tráfico humano. Trouxeram consigo saudades de sua terra, de sua cultura e de suas formas de vida comunitária. Também trouxeram conhecimentos agrícolas, técnicas de mineração, música, dança, expressão corporal: saberes da diáspora sonora e legado da ancestralidade artesanal e técnica. Como afirma Laurentino Gomes, “a escravidão começou para fornecer mão de obra ao corte do pau-brasil e à indústria do açúcar no Nordeste, mas rapidamente se propagou por todos os segmentos”.

As sementes negras frutificaram e deixaram marcas profundas em todos os campos do conhecimento e da cultura nacional. O cinzel de Aleijadinho, as partituras de padre José Maurício e de Pixinguinha, as vozes de Clementina, de Jamelão e de Milton Nascimento, as pinturas de Djanira, Di Cavalcanti, Emanuel Araújo e Estevão Silva, as letras de Luís Gama, de Machado de Assis, de Lima Barreto, Joel Rufino, Ney Lopes e de Carolina Maria de Jesus, o jurista Montezuma, fundador e primeiro presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros, Pelé, o bailado de Daiane dos Santos e Rebeca Andrade, a música do Ilê Aiyê e do Olodum, e no parlamento Benedita, Paim, Abdias do Nascimento, Edmilson Valentim e Caó. Com a espiritualidade, o sentido da pessoa, a partilha, a solidariedade e o querer bem: Dom Silvério, Dom José Maria Pires, Mãe Olga, Mãe Stella, Mãe Hilda, Mestre Didi e Reverendo Olímpio Santana. São negros e negras que, entre muitos outros, compõem o grande painel da cultura brasileira.

Clóvis Moura destaca que o povo negro foi o grande povoador do território brasileiro, presente nas charqueadas do Sul, nos engenhos do Nordeste, na pecuária, na mineração das Minas Gerais e nas atividades extrativistas da Amazônia. O negro não apenas povouou o país, mas dinamizou sua economia e ocupou espaços fundamentais da formação social brasileira. Recentemente, a ONU reconheceu o tráfico transatlântico de africanos escravizados como o mais grave crime contra a humanidade já cometido.

A população negra está presente em toda a tessitura do processo civilizatório brasileiro e sempre resistiu aos grilhões da opressão. É impossível esquecer lutas como a Revolta dos Malês, a Revolta da Chibata e a Balaíada, além de lideranças históricas como Zumbi, Dandara, Luiza Mahin, Manoel Congo e José do Patrocínio. Nessa trajetória, o Movimento Negro segue resistindo e atuando diariamente pela conscientização da sociedade e pela adoção de políticas antirracistas. Embora negros e negras constituam a maioria da população brasileira, ainda não alcançam condições dignas de igualdade social e econômica. São necessárias políticas públicas eficazes que garantam oportunidades, valorização e inserção da população negra em todos os espaços da sociedade.

Apesar de avanços importantes, como o Artigo 68 do ADCT, a Lei 10639/2003, o Estatuto da Igualdade Racial e a decisão recente do STF que obriga o Poder Executivo a tomar ações em favor da população negra, ainda falta um projeto nacional capaz de transformar esses instrumentos em mudanças concretas. É necessário promover reformas estruturais que reduzam desigualdades, fortaleçam a integração étnico-cultural e garantam condições para que a população negra participe plenamente da construção do modelo brasileiro de sociedade, sem hegemonias ou exclusões. Cabe aos Poderes da República cumprirem a Constituição Federal e assegurarem, na prática, os direitos humanos e a igualdade racial. Grito porque a nação brasileira precisa concretizar-se, reconhecer-se verdadeiramente democrática, igualitária, libertária com honras às suas origens e iluminada pela ancestralidade. Grito!